ISSN: 2358-8829

PROJETO DE VIDA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS E EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS: DESAFIOS, POSSIBILIDADES ESTRATÉGIAS

Luana de Jesus Sena [1]
Maria Clara Dantas Modesto [2]
Lucélia de Moraes Braga Bassalo [3]

INTRODUÇÃO

Falar sobre projeto de vida no ensino superior exige olhar de perto para a realidade concreta das juventudes. Essas trajetórias não se limitam ao que acontece dentro da sala de aula, elas carregam as marcas do território, das origens sociais, das vivências de gênero, da sexualidade e das dinâmicas próprias da Amazônia urbana. Para esses jovens, a universidade pública — representada aqui pela UEPA e pela UFPA — apresenta-se como um espaço repleto de contradições. Por um lado, é o lugar que abre portas para a emancipação, o conhecimento e a formação docente; por outro, pode reproduzir as mesmas desigualdades, preconceitos e formas sutis de exclusão que já circulam na sociedade.

Para estudantes LGBTQIA+, especialmente aqueles que transitam pelas dissidências de gênero, essa vivência ganha contornos ainda mais intensos. O cotidiano acadêmico muitas vezes traz marcas de invisibilização e silenciamento, revelando as limitações das instituições em lidar com a diversidade. No entanto, é justamente nesse cenário que esses sujeitos encontram fôlego para articular estratégias coletivas de resistência, construir redes de afeto e afirmar quem são em espaços historicamente moldados por padrões tradicionais.

[1] Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPa). Membro do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero, Sexualidade e Sociabilidades (JEDS/UEPa) - PA, luana.djsena@aluno.uepa.br.
[2] Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPa). Membro do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero, Sexualidade e Sociabilidades (JEDS/UEPa) - PA, maria.cdmodesto@aluno.uepa.br
[3] Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará - UEPa, Líder do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero, Sexualidade e Sociabilidade (JEDS/UEPa) - PA, lucelia.bassalo@uepa.br.

ISSN: 2358-8829

Fruto de investigações vinculadas à iniciação científica na UEPA, este trabalho nasceu da vontade de compreender como estudantes das licenciaturas em Pedagogia, Letras e Matemática que fogem ao padrão cisheteronormativo desenham seus projetos de vida no cotidiano da graduação. Ao escutar discentes de universidades públicas de Belém, o estudo joga luz sobre os desafios que enfrentam, as marcas da formação docente e, sobretudo, as maneiras criativas como projetam seus futuros profissionais e pessoais na região.

METODOLOGIA

Para se realçar um olhar nas trajetórias de vida das juventudes e da condição juvenil no Brasil, a partir dos seus projetos de vida, seus anseios e demandas, em específico aqueles e aquelas que fogem às normativas de gênero e sexualidade, optou-se em caminhar com a abordagem qualitativa, com suporte na fenomenologia social.

Assim, Schütz (1979) contribui para a compreensão de como a fenomenologia influencia o desenvolvimento da pesquisa e, a partir desse referencial, com um olhar sociológico, torna-se possível observar as estruturas processuais presentes no curso de vida. Nessa perspectiva, os elementos que o constituem não se limitam a expressar movimentações pessoais e subjetivas, mas configuram-se também como dimensões interpretativas que assumem o caráter de "realidade social" (Weller, Zardo, 2013, p.132).

São nas dimensões de vida das juventudes, e no que elas nos revelam, que mergulhamos nosso olhar, especialmente nas perspectivas de gênero e sexualidade e em suas possibilidades, ou não, de vivência e representatividade no lócus de pesquisa: o ensino superior, os cursos de Licenciatura em Matemática, Letras e Pedagogia e a universidade pública. Buscamos compreender, juntamente às pessoas que não se enquadram no padrão cisheteronormativo, como a discordância da norma de gênero e sexualidade incide sobre suas escolhas futuras. Nesse movimento, interessa-nos também identificar de que modo as experiências curriculares e não curriculares consideram as singularidades desses jovens e seus projetos de vida em construção, bem como descrever as estratégias que elaboram para planejar o futuro, tanto em relação ao curso

ISSN: 2358-8829

que realizam quanto ao ingresso no mercado de trabalho.

A partir do compromisso de respeito e valorização entre a equipe de pesquisa perante as alunos jovens trans que se fizeram presente nos seus falares e reflexões, é que o curso desse percorrer se faz pelo modo de reunião de dados que foram realizadas por entrevista narrativa, apresentado por Fritz Schütze (2013). Essa abordagem distingue-se de outros modos de se conectar com os participantes e seus relatos, pois propicia um mergulho nas diferentes fases de vida dos sujeitos, narradores de suas próprias trajetórias, permitindo um olhar sociológico sobre os percursos narrativos das histórias de vida. Além disso, configura-se como uma técnica de coleta de dados que transcende o modelo tradicional de perguntas e respostas, favorecendo uma compreensão mais profunda das experiências vividas pelos nossos jovens.

As análises das entrevistas foram conduzidas com base no Método Documentário, o qual, conforme discutido nos escritos de Wivian Weller e Janete Otte (2014), mantém uma estreita relação com a técnica da entrevista narrativa apresentada anteriormente. Ambos os métodos se articulam ao buscar compreender não apenas as expressões verbais dos sujeitos, mas também os significados que emergem de suas narrativas, revelando sentidos mais profundos presentes nos cursos de vida individuais.

Para tanto, seguimos as etapas de análise propostas pelo método, que compreendem: a) a transcrição bruta: etapa inicial em que as narrativas são convertidas da forma oral para a textual; b) a transcrição fina: momento em que são adicionados os códigos específicos do método; c) a divisão temática: como o próprio nome indica, consiste na segmentação dos temas desdobrados, categorizando cada núcleo temático das entrevistas; d) a análise formulada: responsável pelo detalhamento de cada trecho, permitindo a inferência do conteúdo central das seções temáticas; e, por fim, e) a análise refletida: amplia o processo interpretativo ao buscar compreender como as manifestações dos entrevistados e a forma como constroem suas narrativas podem ser apreendidas a partir do olhar dos pesquisadores.

Findando os processos pragmáticos e metodológicos que compuseram a jornada desse um ano de pesquisa, consideramos essencial apresentar, atentando os princípios de proteção, anonimato e sigilo garantidos pelo Termo de Esclarecimento, Liberdade de Recusa e Garantia de Sigil*o*, as trajetórias dos principais participantes. Diante disso, foram realizadas nove entrevistas, das quais três foram apresentadas neste trabalho. Os estudantes serão identificados por nomes fictícios, tendo ambos preenchido o

Formulário de Identificação ao final de suas entrevistas.

O primeiro a ser anunciado é Rikelme, homem trans heterossexual, de cor/raça branca, presente no 3º semestre do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Pará (UFPA); em seguida, Saymon, homem trans bissexual, que se classifica com cor/raça parda, aluno do 5º semestre de Letras/Lingua Portuguesa da Universidade do Estado do Pará (UEPA); e por fim, Sandro, homem trans, não categorizando e descrevendo sua orientação sexual de outra forma, classificando-se de raça-etnia parda, e aluno do 3º semestre de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

REFERENCIAL TEÓRICO

Gênero, norma e reconhecimento: efeitos da discordância nas escolhas e trajetórias

Compreender de que forma a discordância da norma de gênero e sexualidade incide sobre as escolhas futuras de jovens universitários requer reconhecer que o espaço acadêmico ainda é atravessado por lógicas de poder que produzem inclusões e exclusões. Scote e Garcia (2020) demonstram que, embora as universidades tenham ampliado o acesso de pessoas trans, elas continuam operando sob padrões cisheteronormativos que delimitam os modos legítimos de ser e de existir, Assim como afirmam Scote e Garcia (2020, p. 46) “A presença de pessoas trans no ensino superior questiona a naturalização dos espaços de pertencimento, deslocando fronteiras e evidenciando a necessidade de políticas efetivas de reconhecimento”.

Esse tensionamento faz com que o processo de formação seja acompanhado por sentimentos de incerteza, medo e resistência. A escolha do curso, a permanência nos estudos e a projeção de futuro passam a ser dimensões atravessadas pela luta por legitimidade. Em muitos casos, o percurso acadêmico torna-se uma estratégia de afirmação de identidade, um espaço para reivindicar o direito de existir em contextos nos quais a diferença ainda é vista como ameaça.

Scote e Garcia (2020) observam que o ingresso e a permanência de estudantes trans no ensino superior constituem atos políticos, pois rompem com a invisibilidade e desestabilizam o que é entendido como normal. Assim, as decisões sobre o futuro profissional e pessoal não se reduzem a escolhas individuais, mas expressam uma

ISSN: 2358-8829

disputa simbólica mais ampla em torno do reconhecimento. Projetar o futuro, nesse sentido, significa também desafiar estruturas que historicamente excluíram determinados corpos e identidades do espaço da universidade.

Experiências curriculares e não curriculares: a universidade frente às singularidades juvenis

A análise das experiências curriculares e não curriculares, com vistas a compreender se contemplam as singularidades desses jovens e seus projetos de vida, encontra respaldo nas reflexões de Leão, Dayrell e Reis (2011). Para os autores, a juventude deve ser entendida como uma categoria social marcada por multiplicidades — de classe, gênero, território e cultura —, o que impede concepções homogêneas sobre ser jovem.

> Os jovens produzem significados e expectativas a partir de suas próprias condições e vivências, reinterpretando as trajetórias esperadas e reelaborando suas possibilidades de futuro. (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 22).

A escola e, por extensão, a universidade são espaços de formação, mas também de controle e reprodução de normas. As práticas curriculares, muitas vezes, negligenciam as diferenças e permanecem centradas em modelos universalistas de sujeito, enquanto as vivências não curriculares — como coletivos, projetos de extensão, grupos artísticos e movimentos sociais — configuram-se como lugares de criação e reconhecimento.

Entre estudantes trans e LGBTQIA+, esses espaços não curriculares adquirem papel central na construção de pertencimento. Neles, emergem experiências de solidariedade e resistência que muitas vezes compensam o silenciamento vivenciado nas salas de aula. Leão, Dayrell e Reis (2011) destacam que o projeto de vida se constitui justamente na articulação entre o que se aprende institucionalmente e as experiências de mundo que extrapolam o currículo formal.

Ao pensar a universidade como um território de disputas simbólicas, é possível perceber que o reconhecimento das singularidades não depende apenas de políticas afirmativas, mas também da escuta das narrativas estudantis e da valorização dos diferentes modos de aprender e existir. Scote e Garcia (2020, p. 54) lembram que, sem

políticas consistentes de permanência, “o acesso se converte em um privilégio efêmero”, revelando a urgência de uma universidade que acolha efetivamente a diferença.

2.3 Planejar o futuro em tempos incertos: projetos de vida, geração e mercado de trabalho

Refletir sobre as estratégias de planejamento de futuro dos jovens em relação ao curso e ao mercado de trabalho implica situá-las em um contexto social mais amplo, no qual se entrecruzam desigualdades e expectativas. As contribuições de Karl Mannheim, revisadas por Weller (2010), auxiliam nessa leitura ao compreender a juventude como parte de uma geração que compartilha experiências e elabora significados diante das transformações históricas.

Weller (2010, p. 212), ao reinterpretar Mannheim, observa que “indivíduos que crescem como contemporâneos experimentam influências culturais e políticas semelhantes, constituindo uma geração marcada por experiências homogêneas”. Os jovens universitários trans e LGBTQIAPN+ forcanvamam, portanto, uma geração que vivencia a transição entre o reconhecimento parcial e a busca por novos modos de inserção social.

As incertezas econômicas, o preconceito e as instabilidades do mercado de trabalho impõem limites, mas também despertam estratégias criativas de sobrevivência e de autonomia. Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 27) recordam que “é no entrelaçamento entre as incertezas e as expectativas que se forjam os projetos de vida e a capacidade de agir sobre o mundo”. Para esses jovens, o diploma não representa apenas uma conquista individual, mas uma forma de reafirmar-se socialmente e de abrir caminhos para outras pessoas com trajetórias semelhantes.

Weller (2010, p. 219) complementa ao afirmar que “cada geração constrói modos próprios de interpretar e responder às mudanças sociais”, indicando que os projetos de vida não podem ser compreendidos fora do contexto histórico que os produz. Planejar o futuro, nesse sentido, é um gesto político, pois implica transformar em possibilidade aquilo que, por muito tempo, foi negado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

O caminho que nos conduziu até esta etapa foi repleto de desafios, buscas e silêncios. Ao longo do percurso, foram realizadas nove entrevistas narrativas com jovens universitários pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ matriculados nos cursos de Letras, Matemática e Pedagogia das universidades públicas do Pará - Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Entretanto, para esta análise optamos por concentrar nosso olhar nas narrativas de três participantes trans, cujas histórias, além de singulares, se mostraram profundamente representativas das vivências e tensionamentos que envolvem a construção do projeto de vida no ensino superior de pessoas de gênero-dissidentes. Vale ressaltar que os nomes dos participantes utilizados neste estudo são fictícios, escolhidos pelos próprios sujeitos, que optaram por serem reconhecidos ao final de suas entrevistas, mediante o preenchimento do Formulário de Identificação.

A busca por participantes trans revelou-se uma das etapas mais desafiadoras da pesquisa. Encontrar sujeitos que se reconhecessem publicamente como trans na universidade — especialmente no curso de Matemática e na UFPA — foi um processo demorado, marcado por recusas, silêncios e incertezas. Essa dificuldade, mais do que um obstáculo metodológico, tornou-se um dado significativo, pois expôs a escassez de representatividade e a invisibilidade que ainda permeiam os espaços acadêmicos, sobretudo em cursos tradicionalmente associados à racionalidade e à masculinidade.

Como pesquisadores, nos deparamos com um muro simbólico, erguido pelas barreiras do preconceito, do medo e da própria estrutura social que insiste em marginalizar corpos dissidentes. A cada tentativa de aproximação, uma nova escuta, um novo aprendizado, e também um novo degrau a ser escalado. Foi preciso tempo, sensibilidade e compromisso ético para romper o silêncio e construir uma escuta que acolhesse as singularidades desses jovens. Esses degraus — feitos de conversas, recusas e reencontros — nos conduziram até as vozes que hoje compõem esta análise, vozes que se levantam em meio à invisibilidade e transformam suas trajetórias em atos de resistência. Cada entrevista se configurou como um espaço de partilha e reconstrução, onde o narrar-se tornou-se também um modo de existir.

Como afirmam Leão, Dayrell e Reis (2011), compreender os sujeitos implica reconhecer “as múltiplas dimensões da sua experiência social, suas demandas e expectativas”, o que exige deslocar o olhar do aluno abstrato para o jovem concreto, situado em contextos marcados por desigualdades e resistências.

ISSN: 2358-8829

Faz-se, portanto, essencial reconhecer a coragem e a generosidade dos sujeitos que aceitaram participar desta pesquisa. Suas histórias não apenas revelam experiências individuais, mas também denunciam as estruturas de exclusão que persistem nas universidades, especialmente no Norte do país, e anunciam novas possibilidades de ser e aprender em meio às resistências.

Analisando os relatos de Rikelme, Sandro e Saymon, observamos que a inserção de debates sobre gênero e sexualidade no ensino superior permanece secundária e fragmentada, surgindo quase que exclusivamente por iniciativas isoladas. No caso da Matemática, o relato de Rikelme explicita como o viés de neutralidade e o foco técnico distanciam os conteúdos da realidade social dos estudantes, relegando as discussões sobre diversidade às disciplinas de cunho pedagógico. Essa desconexão corrobora as reflexões de Leão, Dayrell e Reis (2011), que apontam o empobrecimento formativo quando a universidade se afasta das vivências concretas dos sujeitos. Em contrapartida, Sandro identifica na Pedagogia uma abertura maior para essas pautas, motivada pela preparação para a educação básica. O fato de o tema ainda ser tratado como um elemento externo ao currículo principal evidencia o fenômeno das "inclusões precárias" conceituado por Scote e Garcia (2020), no qual a presenças marginalizadas são acolhidas sem que ocorra uma mudança estrutural no projeto pedagógico. A lacuna também se manifesta nas ciências humanas, como relata Saymon ao mencionar a resistência docente em pautar questões como a linguagem neutra no curso de Letras, revelando como a omissão curricular atua disciplinando corpos e reafirmando a norma cisgênera.

Apesar dos silenciamentos institucionais, a permanência e a militância dos estudantes trans operam brechas e tensionamentos na vida acadêmica. Quando os participantes projetam suas trajetórias profissionais, a escolha pela docência ganha um caráter político e existencial que ultrapassa a mera inserção no mercado de trabalho. Para Rikelme, a atividade docente é percebida como ferramenta de intervenção social, em que o receio inicial dá lugar ao compromisso com a visibilidade e com a transformação do ambiente educacional. Sandro, ao buscar a atuação na educação infantil inspirado na trajetória de sua mãe e avó, reinscreve a identidade trans masculina em uma tradição afetiva pedagógica, desafiando convenções de gênero e transformando a própria presença docente em ato político (Xavier; Vianna, 2020). Por sua vez, Saymon assume a vulnerabilidade como força, recusando a invisibilidade ao afirmar seu direito

de ocupar a sala de aula com respeito. Em síntese, os projetos de vida desses estudantes articulam o "presente estendido" de Leão, Dayrell e Reis (2011), transformando a ação individual em um projeto coletivo que ressignifica o currículo e reivindica a diversidade como pilar fundamental da prática educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olharmos para o percurso traçado por Rikelme, Sandro e Saymon, percebemos que entrar e ficar na universidade pública como uma pessoa trans na Amazónia é, antes de tudo, um ato diário de coragem e de resistência. O objectivo central deste estudo passou por compreender de que forma estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Matemática e Letras, que fogem ao padrão cisheteronormativo, constroem os seus projetos de vida a partir das vivências na academia.

Os resultados revelam que, embora a universidade carregue a promessa de emancipação, ela ainda continua a ser um espaço seletivo, marcado por silêncios e por normas rígidas que tornam o acolhimento frágil e desigual. Contudo, é precisamente no meio destas frestas que os estudantes encontram fôlego: criam redes de apoio, fortalecem laços e transformam o quotidiano académico num território de reexistência. Vimos também que o receio de enfrentar barreiras semelhantes no mercado de trabalho molda os seus planos para o futuro, transformando a escolha profissional num gesto político de subversão.

Como principal contributo, esta investigação dá voz a trajetórias muitas vezes apagadas e aponta para a urgência de construirmos instituições que não se limitam a tolerar, mas que abraçam e valorizam a diversidade como parte viva da sua essência democrática. No que diz respeito às limitações, reconhecemos que o recorte focado num grupo específico de narrativas na capital restringe o escopo, abrindo portas para futuros desdobramentos que possam alargar a escuta a outras áreas e a campi do interior do estado, aprofundando as discussões sobre políticas de permanência estudantil na região.

Palavras-chave: : Projeto de vida; Juventude universitária; Ensino superior; LGBTQIA+;

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UEPA) pelo apoio por meio do Edital 59/2024, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa sobre educação, gênero e juventudes, bem como para a formação acadêmica e intelectual dos bolsistas envolvidos.

Agradecemos imensamente à professora Lucélia Bassalo por nos orientar com tanta generosidade. Sua escuta paciente e a firmeza parceira no debate teórico nos provocaram a ir além e foram a base para o amadurecimento deste estudo.

Aos estudantes que aceitaram colaborar com este estudo compartilhando suas memórias, vivências, receios e sonhos: sem a disponibilidade de vocês, esta pesquisa simplesmente não existiria.

Dedicamos, por fim, este trabalho à memória de Victor Duarte Reis Sousa, estudante trans do curso de Pedagogia da UEPA. Embora sua partida precoce o tenha impedido de iniciar esta jornada conosco, seu entusiasmo pelo campo da educação e sua luta por equidade seguem inscritos aqui no espírito desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. A Trajetória do Observatório da Juventude da UFMG. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. **Juventude, projetos de vida e ensino médio.** Educação & Sociedade, v. 32, n.117, p. 1067-1084, 2011.

SCOTE, Fabiane; GARCIA, Ricardo. **Trans-formando a universidade: um reestudo sobre acesso e permanência de pessoas trans no ensino superior**. In: Anais do XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE). Goiânia: ANPED, 2020.

SCHÜTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1979.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, Wivian; Pfaff, Nicolle (Org.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 25, n. 2, p. 205–223, maio/ago. 2010.

WELLER, Wivian. **Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro.** In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 135-154.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. **Análise de narrativas segundo o método documentário:Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas.** Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 2, p. 325-340, jun. 2014.

WELLER, Wivian e ZARDO, Sinara Pollom. **Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação.** Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade [online]. 2013, vol. 22, n. 40, pp. 131-143.

XAVIER, T. P. de O., & VIANNA, C. (2020). ***A Educação de Pessoas Trans*: relatos de exclusão, abjeção e luta.** Educação & Realidade.